

ERRATA

No artigo “Considerações sobre o despotismo colonial, e a gestão centralizada da violência no Império colonial francês”, publicado no número 51, volume 29, da revista *Varia Historia*, na página 747:

Onde se lê:

“podemos concordar com Matamos Mamdani quanto ao fato”

Leia-se:

“(…) podemos concordar com Mahamood Mamdani quanto ao fato (…)”

No mesmo artigo, na página 759:

Onde se lê:

“(…) em 1916, o jornalista e dramaturgo sul-africano Sol Plante, (…)”

Leia-se:

“(…) em 1916, o jornalista e dramaturgo sul-africano Sol Plaatje, (…)”

No mesmo artigo, na página 761:

Onde se lê:

“Isto colocou constantemente o discurso moralista e antiescravista europeu, construído no século XX”

Leia-se:

“Isto colocou constantemente o discurso moralista e antiescravista europeu, construído no século XIX”

No mesmo artigo, na página 763:

Onde se lê:

“(…) cuja mais importante e mais estruturada militarmente foi a rebelião levada a cabo pelos povos Badanai e Gbaya, mais conhecida e ainda retida pela memória coletiva dessa região (compreendida entre o sul dos Camarões e do Tchã, o oeste da República centro-africana) (…)”

Leia-se:

“(…) cuja mais importante e mais estruturada militarmente foi a rebelião levada a cabo pelos povos Banda, Foulbé e Gbaya, mais conhecida e ainda retida pela memória coletiva dessa região (compreendida entre o sul dos Camarões e do Tchã, o oeste da República centro-africana) (…)”

No mesmo artigo, na página 765:

Onde se lê:

“(…) usando um neologismo pejorativo de sua invenção, de *ethnologues dogoneux*⁵² (etnólogos ‘dogonosos’ (…))

Leia-se:

“(…) usando um neologismo pejorativo de sua invenção, de *ethnographes dogoneux*⁵² (etnógrafos ‘dogonosos’ (…))

No mesmo artigo, na página 766:

Onde se lê:

“(…) as classificações raciais elaboradas com a ajuda dos “etnólogos dogonosos” do sistema colonial (…)”

Leia-se:

“(…) as classificações raciais elaboradas com a ajuda dos “etnógrafos dogonosos” do sistema colonial (…)”

No mesmo artigo, na página 767:

Onde se lê:

“(…) Os mesmos franceses e seus historiadores e outros “etnólogos dogonosos (…)”

Leia-se:

“(…) Os mesmos franceses e seus historiadores e outros “etnógrafos dogonosos (…)”

No mesmo artigo, na nota de rodapé 45, página 763:

Onde se lê:

45: “O termo era de fato a associação das palavras ‘Kongo ‘(para os habitantes do Congo ‘francês’) e ‘Wara’, nome genérico que serve no vocabulário corrente nos dois Congos para designar as pessoas oriundas da África ocidental; mas neste caso concreto, o termo designava especificamente gente oriunda da região do Tchad (antigo Chari, parte da antiga África equatorial francesa). Esta combinação das duas designações refletia, de fato, a larga coalizão guerreira que acabou por estabelecer-se nesta insurreiçãõ anticolonial.”

Leia-se:

45 “A guerra de Kongo-Wara (ou “guerra de enxada”) foi uma rebelião anticolonial com características messiânicas, liderada por Karnou. Este fez da enxada seu símbolo de luta, e exortava os seus adeptos e combatentes supostamente com as seguintes palavras, tais como retranscritas em língua francesa nos arquivos coloniais: “Matais, comeis vosso gado, repudiáis vossas esposas, queimeis vossas casas, corteis as pontes, tudo que tenha tido contacto com o Branco é impuro e deve desaparecer (…). Tomeis meu medicamento, o Kougowara e eu estarei ao lado de quem quer que o tenha pendurado ao seu pescoço, e tornar-lhes-ei invisível e invulnerável”. Tradução minha. Ver: DUBOIS, Colette. *Le prix d'une guerre: deux colonies pendant la Première Guerre Mondiale* (Gabon – Oubangui-Chari) (1911-1923). Thèse de doctorat 3ème cycle d'histoire. Université de Provence, Aix-en-Provence, Institut d'Histoire des Pays d'Outre-Mer, 1986, p.449-345. Section II, 2ème Partie, Chapitre I, p.166.”